

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARÁBOLA DO “BOM SAMARITANO”

Gerson Júnior¹

“²⁵E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? ²⁶E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês? ²⁷E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. ²⁸E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso, e viverás. ²⁹Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? ³⁰E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. ³¹E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. ³²E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo. ³³Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão; ³⁴E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu animal, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; ³⁵E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que de mais gastares eu to pagarei quando voltar. ³⁶Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? ³⁷E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele. Disse, pois, Jesus: Vai, e faze da mesma maneira.”

(Lucas: 10. 30 – 37)

Há, na Bíblia Sagrada, vários estilos literários. Um dos mais comuns é a *parábola*. As parábolas são narrativas (factuais ou fictícias) usadas para ensinar verdades concretas, reais, e espirituais. O termo vem de duas palavras gregas (*para* = ao lado de; *ballein* = lançar), e, etimologicamente, significam *algo que é lançado ao lado de outro para comparação*.

Muitas pessoas pensam que as parábolas são recursos literários peculiares à bíblia. Entretanto, sabe-se que elas já eram utilizadas pelos grandes sábios orientais, e consistia num método popular de instrução e de ensinamento, cujo propósito era o de fazer com que as mensagens transmitidas fossem mais facilmente entendidas pelos seus ouvintes.

Uma das mais conhecidas parábolas da bíblia é, certamente, a famosa *parábola do bom samaritano*, registrada no evangelho de Lucas (Lc: 10. 30 – 37). Entendida como uma perícopes, isto é, como um texto completo em si mesmo, essa passagem é foco de uma variedade de interpretações. Muitos pais da igreja discutiram sobre a sua verdadeira mensagem. A mais popular dessas interpretações talvez seja a dada pelo Bispo de Hipona, Agostinho, que, influenciado pelo método alegórico herdado do Bispo de Milão, Ambrósio, interpretou essa parábola da seguinte maneira: (1) o homem que caiu nas mãos dos salteadores é Adão; (2) Jerusalém é o céu; (3) Jericó representa a condição mortal do homem; (4) Os salteadores são o diabo e seus anjos; (5) O sacerdote é a lei; (6) O levita representa os profetas; (7) O bom samaritano é Cristo; (8) O azeite, a esperança; (9) O vinho é o espírito

¹ Gerson Júnior é doutorando em filosofia na Universidade de Lisboa, e professor nos cursos de administração e teologia da Faculdade de Teologia Integrada – FATIN.

fervoroso; (10) O jumento é a encarnação de Jesus; (11) A hospedaria é a igreja; (12) As duas moedas significam os dois princípios do amor; (13) O hospedeiro, o apóstolo Paulo.

Quem possui um conhecimento mínimo dos princípios hermenêuticos básicos, logo perceberá que essa é uma interpretação extremamente alegórica da parábola em foco. Porém, importa destacar que esse tipo de interpretação é, ainda hoje, a adotada por muitos cristãos. Mas, será que tal passagem bíblica quer dizer isso mesmo? O que se segue é uma análise da parábola, tendo como pano de fundo o contexto histórico-cultural sob o qual ela foi escrita.

Inicialmente, é preciso notar que, apesar da parábola propriamente dita começa no v. 30 da referência acima indicada, a sua análise deverá ser feita a partir do v. 25, que é de onde extraímos o contexto mais geral para a sua interpretação. Nesse verso, nos é dito que numa dada ocasião se levantou um doutor da lei (provavelmente um fariseu), chamou Jesus de mestre, e lhe fez uma pergunta um tanto maliciosa. A pergunta foi: “que farei para herdar a vida eterna?”. No v. 26, Jesus responde essa questão com outra pergunta: “que está escrito na lei? Como lê? Como interpreta?”. No v. 27, o referido doutor da lei responde a pergunta de Jesus da seguinte maneira: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Jesus imediatamente o elogia e determina que, se ele quisesse obter a vida, deveria fazer exatamente isso (v. 28). Entretanto, como nos diz o v. 29, o doutor, querendo justificar-se, propõe outra questão ao mestre: “e quem é o meu próximo?”. É exatamente a partir dessa pergunta que Jesus conta a conhecida “parábola do bom samaritano”.

Jesus inicia a parábola dizendo que “descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu na mão dos salteadores, os quais lhe roubaram tudo, espancaram-no e deixaram-no quase morto” (v. 30). Primeiramente, devemos notar que nada nos é dito sobre o “homem” que desceu. Não sabemos sua nacionalidade (se judeu, ou samaritano, ou mesmo um gentio), nem se era rico ou pobre. Em segundo lugar, Jerusalém é uma cidade sobre montes, e está no alto. Dela para Jericó, nessa época, existia apenas um caminho, de 27 Km, pelo deserto, que era muito perigo. Tal perigo se dava porque em Jerusalém tinha muitos comércios, e todo o povo, principalmente os turistas, iam comprar muitas mercadorias por lá. Daí, sabendo disso, os ladrões ficavam em pontos estratégicos nesse caminho esperando os indefesos viajantes passarem para os assaltarem. Isso nos ajuda a entender aquilo que Jesus quis dizer que afirmou que um homem descia por esse caminho e foi assaltado.

Na continuação da parábola, especificamente nos v. 31 e 32, Jesus diz que ocasionalmente, por aquele mesmo caminho, descia um sacerdote, e vendo o homem que estava no chão quase morto, passou de largo. Semelhantemente a esse sacerdote, desceu também um levita, que, chegando mais perto do homem caído do que o sacerdote, olhou para

ele e passou de largo. As duas figuras indicadas aqui por Jesus – um sacerdote e um levita – embora estejam ligadas ao serviço do templo, possuíam uma diferença fundamental. Sabemos que Levi foi a tribo escolhida para exercer o sacerdócio judaico. Entretanto, só podiam ser sacerdotes os descendentes de Levi que pertencessem à linhagem de Arão. Os levitas que não fossem descendentes de Arão não podiam exercer sacerdócio, mas cuidavam, junto com o sacerdote, das atividades no templo (Êx: 28.1). O que supostamente poderia “justificar” o descaso desses dois religiosos para com o homem caído é unicamente o fato de que a maioria dos sacerdotes e levitas moravam em Jericó, mas trabalhavam no templo de Jerusalém em turnos diferentes. Assim, pelo contexto da época, muito provavelmente esses homens estavam com pressa, pois largaram e queriam ir para as suas casas descansar. Por isso, não ajudaram o homem caído. Além disso, eles sabiam que o caminho era perigoso, e temiam ser vítima de alguma emboscada.

Com os v. 33 a 35, chegamos no eixo central da parábola. Diz o texto que um *samaritano* (lembre-se que os judeus não gostavam dos samaritanos, e vice-versa), que estava viajando, chegou ao pé do homem caído, vendo-o, teve compaixão dele, cuidou-lhe das feridas, levou-o para uma estalagem, pediu ao hospedeiro que cuidasse dele, e disse que na volta da viagem pagaria tudo o que se gastou com o homem. Convém notar que, dos três personagens indicados, esse samaritano era o único que não podia sequer pensar em parar para ajudar o homem caído. A razão disso era porque ele estava de viagem e, muito provavelmente, portanto, cheio de bagagem, malas, dinheiro etc. e podia a qualquer momento também ser vítima de assaltantes. Além disso, se o homem caído fosse um judeu, os samaritanos o odiava. Contudo, ele pára, chega perto do homem, dá-lhe o primeiro socorro, e leva-o para uma hospedaria. Diante disso, no v. 36, Jesus pergunta ao doutor da lei: “qual desses três – o sacerdote, o levita e o samaritano – te parece que foi o próximo do homem caído”? O doutor, encurralado, responde (v.37): “o que usou de misericórdia para com ele”. Então disse Jesus: “vai e faz da mesma maneira”.

Esse é o contexto histórico a partir do qual a *parábola do bom samaritano* deverá ser interpretada. É bom perceber que em momento algum se sugeriu que o homem assaltado é Adão; que o samaritano é Cristo; que os salteadores é o diabo e seus anjos, etc. Isso tudo é fruto de inserção de ideias estranhas ao texto. Pelo que vimos, a parábola parte de um diálogo. A pergunta central é sobre quem é o próximo. Quem faz a pergunta é um judeu, doutor da lei. Para os judeus, *próximo* era só, e somente só, os judeus. Gentios de qualquer outra raça de maneira nenhuma eram considerados e chamados de *próximo* por um judeu. Mas, Jesus rompe com essa ideia ao contar a parábola. Repare que ele cita um inimigo dos judeus, um

samaritano, e diz que esse é que teve compaixão do homem ferido e o ajudou. No final de tudo, ele leva o tal doutor preconceituoso a afirmar que o samaritano, de fato, foi *próximo* do homem caído, e que ele deveria agir da mesma maneira que esse samaritano. Além disso, a parábola ensina também sobre a falsa religiosidade. De fato, ela destaca que não basta sermos religiosos, pois a verdadeira religião deve ser *corroborada* com boas obras. Jesus ensina isso quando usa dois exemplos de religiosos judeus, que deveriam ajudar aquele próximo no chão, caído, e, entretanto, não ajudaram: olharam-no e passaram de largo.

Assim, a parábola do bom samaritano apenas nos quer ensinar que o nosso *próximo* é toda aquela pessoa que precise de nossa ajuda, e que não podemos ser preconceituosos na hora de ajudar alguém, pois a verdadeira religião implica em praticar o bem a todos, indistintamente.